



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES-CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II

GLEICE KELLY SILVA DO NASCIMENTO

GUARABIRA /PB
2014

GLEICE KELLY SILVA DO NASCIMENTO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II

Relatório apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a conclusão do Curso de História e recebimento do grau de licenciado, e orientado pelo professor MSc. Flávio Carreiro de Santana.

GUARABIRA /PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244r Nascimento, Gleice Kelly Silva do
Relatório de estágio supervisionado obrigatório II
[manuscrito] : / Gleice Kelly Silva do Nascimento. - 2014.
24 p. : il.

Digitado.
Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2014.
"Orientação: Flávio Carreiro de Santana, Departamento de
HISTÓRIA".

1. Espaço Escolar. 2. Diálogo. 3. Educação libertadora. I.
Título.

21. ed. CDD 981

GLEICE KELLY SILVA DO NASCIMENTO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II

Aprovado em 16/07/2014



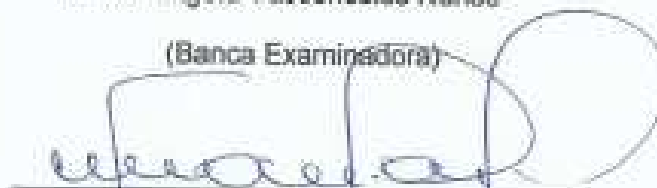
MSc. Flávio Carreiro de Santana

(Orientador)



Drª Mariangela Vasconcelos Nunes

(Banca Examinadora)



Drª Marisa Tayra Teruya

(Banca Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus que é tudo pra mim por essa rica experiência e mais uma conquista. Agradeço a minha família pelas palavras motivadoras em momentos difíceis neste curso que me incentivaram a concluir este grande desafio. Agradeço aos meus pais e em especial a minha mãe Edvânia pelos esforços realizados para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço ao meu esposo Eduardo por seu incentivo e por sua compreensão em minhas ausências durante este curso. Agradeço a todos os alunos de minha turma inesquecível, meus grandes amigos com quem aprendi e tive momentos de alegria e descontração, dentre esses agradeço a Jonas Meireles por sua amizade e incentivo ao longo deste curso um amigo sempre presente em todos os momentos. A todos os professores que foram de suma importância neste processo de aprendizagem deixo os meus sinceros agradecimentos.

Enfim, a todos aqueles que estiveram ao meu lado nesta jornada tão longa e cansativa, mas que tornou-se tão prazerosa e inesquecível, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este relatório descreve a experiência de Estágio Supervisionado realizado na E. E. E. F. M. José Soares de Carvalho, localizado no bairro da Primavera na cidade de Guarabira. Expõe as características organizacionais da escola e a apresenta uma breve descrição das aulas ministradas para a turma do(7º Ano B) e a partir desta Experiência em sala de aula, narra uma breve reflexão sobre o espaço escolar e a prática docente destacando a escola como um local de multiplicidade e construção do saber estabelecido por meio do diálogo e da valorização do aluno como sujeito participativo no processo educativo colocando em evidencia a teoria de Freire referente a uma educação libertadora.

Palavras Chave: Espaço Escolar, Diálogo, Educação libertadora

SUMÁRIO

I -INTRODUÇÃO.....	06
II- CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	08
III- DESCRIÇÃO DAS AULAS.....	10
Aula 1.....	11
Aula 2.....	12
Aula 3.....	13
Aula 4.....	14
Aula 5.....	15
Aula 6.....	15
IV- REFLETINDO SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR E A PRÁTICA DOCENTE.....	17
V- O EMPENHO DO CORPO ESCOLAR POR EDUCAÇÃO LIBERTADORA.....	19
VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
VII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
VIII- ANEXOS.....	25

I - INTRODUÇÃO

O presente relatório foi produzido a partir da vivência do Estágio Supervisionado Obrigatório II, referente ao 8ª período do 4º ano do curso de licenciatura Plena em História, realizado na **E. E. E. F. M. José Soares de Carvalho** no ano de 2012, no nível fundamental, mais especificamente na turma do 7º ano B (turno tarde).

As discussões teóricas colocadas em evidencia neste relatório de estagio foram elaboradas em grupo pelos estagiários em virtude da disponibilidade da escola devido à quantidade de alunos estagiários não só de nossa turma, mas de outros cursos e por isso motivo compartilhamos essa experiência. E partem dos diálogos que tivemos em sala de aula nas disciplinas de Prática de Ensino na graduação do curso de História.

No primeiro momento (dia 12/04/2012) o contato com a Escola foi agradável: fomos muito bem recebidos pela direção, encaminhados à sala dos professores onde pudemos realizar uma entrevista de sondagem sobre aquela instituição¹ com a gestora escolar.

Logo em seguida fomos apresentados à professora regente da disciplina de História (do 7º ano B). Numa conversa rápida ela falou um pouco da turma, nos apresentou o livro didático do qual os alunos faziam uso e informou-nos os conteúdos que seriam temas de nossas aulas. Foi uma experiência bem agradável, uma vez que desfrutamos da presença e apoio do nosso professor e orientador da disciplina de ESO, servindo de “elo” entre nós a instituição e a professora regente.

Em entrevista com a direção da instituição escolar solicitamos o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, mas, infelizmente, por motivos desconhecidos, a direção não nos possibilitou o acesso ao documento.

Este relatório vem traçar discussões sobre o Espaço escolar e a Prática Docente, tendo por objetivo analisar a influência que a escola tem na formação individual de cada aluno enquanto cidadão, fazendo uma reflexão sobre empenho do corpo escolar colocando em evidencia a teoria de Freire referente a uma

¹ Fez-se necessário fazer esta sondagem para elaboração deste relatório, pois o estagio de observação do semestre anterior foi realizado em outras escolas, o que, por sua vez, dificultou o nosso trabalho devido ao pouco tempo para tomada de conhecimento daquele espaço.

educação transformadora e libertadora a partir do que foi observado durante os estágios na escola E.E.E.F.M. José Soares de carvalho.

Portanto, o desenvolvimento deste relatório, fez-se o uso de abordagem qualitativa, por meio da observação do espaço escolar, questionário realizado com a gestora escolar, por diálogo com a professora regente, com os alunos (as) e outros professores que atuam na referida instituição de ensino publica.

II- CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A E. E. E. F. M. José Soares de Carvalho que fica na cidade de Guarabira /PB e está localizada na Rua Henrique Pacífico, S/N – Bairro Primavera é uma instituição de fácil acesso aos alunos e profissionais que dela fazem parte, segundo a direção desta, a escola se articula de maneira satisfatória com a comunidade mantendo uma boa relação com os pais, através de reuniões trimestrais regulares com os mesmos, bem como assegura parcerias e apoio com o Conselho Tutelar.

Nesta instituição de ensino publica existe um programa do governo federal denominado de Mais Educação² que funciona com o apoio da Secretaria de Saúde do Município e com a Escola particular Executivo localizada no mesmo município, onde os alunos fazem aulas de natação.

Segundo a direção, os alunos que participam do projeto são selecionados principalmente pelos professores de acordo com as dificuldades e necessidades escolares e sociais que os educandos apresentem.

O corpo de funcionários é composto por uma gestora escolar, uma vice-diretora, duas supervisoras pedagógicas, oitenta e seis professores sendo a maioria destes do quadro efetivo é existente também um grupo de apoio com duas assistentes de direção, um secretário geral e oito secretários (as) auxiliares, nove auxiliares de limpeza, quatro merendeiras e quatro vigias.

A estrutura da Escola José Soares de Carvalho dá suporte a: dezenove salas de aula, uma sala de vídeo, uma sala de informática, uma biblioteca, uma sala de professores, uma secretaria, uma cantina, uma quadra de esportes sendo esta também a área de recreação e um auditório. Os dois mil e duzentos alunos e alunas matriculados (no Fundamental II e Ensino Médio) são oriundos da zona urbana, e estão divididos nas dezenove salas de aula, entre os três turnos que funcionam na escola, manhã, tarde e noite.

Segundo informações da direção e o que pudemos observar as salas de aula são amplas e comportam em média de quarenta a cinquenta alunos, cabe aqui uma

² O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16690&Itemid=1115

reflexão. O quantitativo de alunos permitido por lei³ para o Ensino Fundamental II é de no máximo 35 alunos por sala de aula, esta definição garante um melhor desempenho das turmas uma vez que salas de aulas superlotadas limitam de certa forma a didática do professor além de ser um fator que contribui para a dispersão do aluno em sala de aula.

Porém a lei deixa em aberto que cada rede de ensino organizará as salas de acordo com a demanda de alunos, desta forma, a Escola Estadual José Soares de Carvalho certamente não é uma exceção que possui este obstáculo a ser vencido.

Contudo as acomodações do espaço escolar são regulares, isso porque, apesar das salas de aulas serem amplas, estas não são bem iluminadas e arejadas (apesar das janelas), faltam bons ventiladores e considerando o fato de que Guarabira é uma cidade extremamente quente somando a isto o grande número de alunos a sala tornou-se demasiadamente desconfortável, e por fim as próprias carteiras e birôs que na sua maioria se encontram em péssimo estado de conservação.

Apesar das dificuldades que ainda são muitas, a escola campo trabalha com atividades pedagógicas diversas como gincanas, feiras e amostras de ciências, projetos de leituras e projetos das principais datas comemorativas do calendário escolar. Para a realização das atividades cotidianas e extraclasse são feitos planejamentos bimestrais com professores, supervisores e direção escolar; e semanais com os professores organizados por disciplinas.

Portanto, o centro educacional José Soares de Carvalho conta ainda com recursos materiais como TV, DVD, aparelho de som, computadores e data-show. Tais recursos são apontados como relevantes para melhoria da educação, porque possibilita além de uma aula atrativa, aproxima os alunos das novas tecnologias de maneira qualitativa estimulando o desenvolvimento da aprendizagem.

³ A proposta foi redigida na Comissão de Educação da Câmara pelo deputado Ivan Valente (PSOL-SP), com base em projetos de Jorginho Maluly (DEM-SP) e Leonardo Quintão (PMDB-MG). Eles dizem que a limitação de alunos por professor acabaria com a superlotação e garantiria mais qualidade de ensino. (<http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2009/09/03/camara-aprova-limite-de-alunos-em-sala-de-aula-767446227.asp>)

III- DESCRIÇÃO DAS AULAS

A experiência no estágio de regência (ministrando a disciplina de História) foi realizada na turma do 7º ano B do Ensino Fundamental II no turno da tarde. Ministramos as aulas nas quintas-feiras (primeiro e segundo horários) no período de 24/04/2012 à 31/05/2012. A turma era bem numerosa, composta 43 estudantes.

A professora titular da turma nos recepcionou muito bem apresentando-nos a turma e cedendo espaço para que nos apresentássemos, e, posteriormente, nos apropriássemos da aula como um todo. A impressão que nos causou foi a de que a professora consegue exercer certo domínio da turma, sempre atenta a todos os comportamentos dos alunos. Todavia, esta foi uma impressão primeira, uma vez que não pudemos observar a professora dando aula ao longo desta experiência. Os alunos por sua vez também se sentiram curiosos com nossa presença, o que ficou mais evidente quando, no decorrer da aula, nos indagavam para saber mais sobre nós e nossa presença na sala, bem como se continuaríamos a dar aulas, quando seria e por quanto tempo.

No primeiro momento o contato com a turma foi tranquilo: Fomos apresentados e falamos sobre nosso curso, sobre a necessidade da experiência do estágio e a importância do mesmo para nós enquanto futuros professores. Posteriormente, pedimos que cada aluno/aluna também se apresentasse. Tudo estava sendo observado pela regente sem que ela realizasse intervenções. Inevitável também foi deixarmos de observar a aparência daquela sala de aula: paredes e carteiras muito sujas e riscadas, iluminação a desejar, também não havia nada nas paredes que ilustrasse algum trabalho realizado por eles em qualquer disciplina que fosse o que dava ao ambiente um ar desconfortável e desinteressante.

Antes de iniciarmos o trabalho com o conteúdo, conversamos informalmente com a turma questionando-os sobre o que eles gostavam na disciplina e como eles gostariam que fossem nossas aulas. Esta, portanto, foi uma tentativa de nos aproximar da turma para apreender, ainda que minimamente, seus gostos no que se refere às aulas de história. No entanto, a maioria silenciou-se e os poucos que se colocaram não demonstraram interesse pela aula da disciplina, o que em certa medida nos colocou frente ao grande desafio de despertar o gosto e interesse desta

turma pelas aulas de história dentro do curto espaço de tempo que o estágio nos permite.

Nossa experiência ministrando as aulas foi satisfatória, mas não de todo. Isso porque mesmo levando recursos e estimulando-os a falarem, a questionarem, partindo do seu próprio conhecimento sistemático e assistemático, os alunos ainda estavam muito presos a uma determinada metodologia e, portanto, não figuraram uma presença tão participativa quanto esperávamos que fosse, o que nos deixou com a sensação de incompletude. Todavia as pequenas participações nos ajudaram a guiar as aulas e a nossa própria postura naquele espaço.

Esbarramos em algumas questões como: falta de comprometimento e desinteresse dos alunos para com as aulas, além de outras questões, dificultaram e em diversos momentos limitaram nossas aulas que serão colocadas e pensadas mais adiante neste relatório.

AULA 1 (26/04/2012)

Como mencionado anteriormente, o primeiro momento desta aula foi dedicado às apresentações. Entre conversas informais respeitamos o tempo necessário para que todos se pronunciassem bem como buscamos responder aos questionamentos levantados por eles e elas.

O conteúdo colocado pela professora titular para que trabalhássemos foi A BAIXA IDADE MÉDIA EUROPEIA. Quando recebemos esta temática uma semana antes desta aula, diversas dúvidas permearam nosso planejamento: Como iríamos falar de Baixa Idade Média sem saber o que de fato essa turma já havia visto ou apreendido sobre a idade média em si? Que conceitos sobre medieval eles/elas já haviam construído? Qual seria o ponto de partida para abordar a Baixa Idade Média se ao menos sabíamos como esta turma estava vendo os períodos anteriores (Alta e Idade Média Central) a este? Como citamos anteriormente este relatório assim como o planejamento das aulas foi elaborado em grupo pelos alunos que estagiaram na turma do (7º ano B). A experiência de estagiar em grupo foi satisfatória, todos apresentavam suas ideias para contribuir para o bom desenvolvimento das aulas, discutíamos as ideias e em acordo elaborávamos os planos de aula.

Em busca de soluções para este desafio decidimos tomar uma posição metodológica de diálogo e conversa informal para aproveitar o tempo que restaria

após as apresentações e fazer uma sondagem sobre a Idade Média de modo geral, levantamos questões que fizessem emergir que tipo de imaginário eles tinham do medievo. Infelizmente fomos surpreendidos com respostas incoerentes e descontextualizadas. No entanto, tais respostas serviram para que pudéssemos nos guiar e elaborar uma aula para próxima semana de modo que esta tivesse sentido e promovesse o desenvolvimento da aprendizagem. Fizemos uso do quadro para escrever as palavras que iam surgindo no discurso dos alunos para que eles pudessem visualizá-las e com nossas intervenções contextualizar aqueles aparentes fragmentos de conhecimento.

No entanto, o tempo se fez curto, e muito ficou a ser colocado para próxima aula. Despedimos-nos e saímos dali com a certeza que as barreiras a serem superadas seriam muitas, pois percebemos que enquanto a aula estava em curso os olhares dispersos da maioria dos alunos (as) era uma constante.

AULA 2 (03/05/2012)

Chegamos na sala e encontramos uma turma agitada, a professora titular logo nos entregou a turma e saiu só voltando no fim da aula (esta foi também a realidade das aulas seguintes). Traçamos uma meta para trabalhar o conteúdo, antes de adentrarmos na Baixa Idade Média iríamos fazer uma revisão, o mais enxuta possível, sobre a Idade Média.

Construímos um resumo no quadro, juntamente com os alunos(as), a medida em que estes pronunciavam uma palavra ou outra, entre um questionamento ou outro que pudéssemos associar ao tema.

As questões principais foram: situar a Idade Média no calendário histórico cronológico, mas de forma que eles compreendessem que o calendário não demarca rupturas radicais; deixar claro a que espaço territorial era mencionado; trabalhar e desconstruir o conceito limitado de Idade Média/ Idade das Trevas. Foi feito exercício oral em sala e exercício escrito a ser corrigido e debatido na próxima aula.

Estimulamos os alunos e alunas a falarem e questionarem, porém, os olhares dispersos e desatentos foram uma constante. Logo ficou claro que além da falta de atenção alguns alunos menos interessados assumiam uma postura de “agitadores” que destoava o resto da turma. Assim, apelidos e agressões verbais também

ganhavam visibilidade por parte da turma, o que por sua vez não podia nos passar despercebidos e acabávamos interrompendo a aula em diversos momentos para intervir nas agressões e conversar um pouco sobre o que estava acontecendo em sala.

AULA 3 (10/05/2012)

Após dez minutos de conversa informal, retomamos as discussões do conteúdo. Foi feita a correção do exercício passado, em continuidade a proposta da aula foi trabalhar a imagem do afresco de Ambrogio Lorenzetti (imagem 1). Estimulamos os alunos a falar o que eles viam naquela imagem, que elementos a constituía, como era as construções retratadas, que atividades os homens e mulheres representados na obra faziam quais os animais que apareciam. E contrapomos as repostas comparando com a realidade dos alunos e alunas e os cenários urbanos e rurais que eles conhecem.



1 - Ambrogio Lorenzetti - Os Efeitos do Bom Governo, a Cidade. (1338 - 1340). O afresco encontra-se no Palácio Público de Siena (Itália). Imagem do sec. XIII

Fonte:
<http://speciesbarocus.tumblr.com/post/2581512217/ambrogio-lorenzetti-os-efeitos-do-bom-governo-a>

O objetivo foi possibilitar que os alunos e alunas pudessem visualizar e compreender as transformações sociais europeias a partir do século XI, fazendo o exercício de “ler imagem”. No geral, a turma foi capaz de perceber distinções entre os novos centros urbanos e os feudos.

Introduzimos o conteúdo das **Cruzadas** e o **Renascimento Comercial Urbano** fazendo uso do livro didático articulamos uma leitura coletiva, porém, nem todos se dispuseram a participar. No entanto, encaminhamos a leitura na medida do possível. No decorrer desta leitura interrompíamos para fazer intervenções explicativas e levantar questões.

O que muito nos incomodou foi perceber que a turma pouco levantava questões, quando isto acontecia nenhuma das indagações era pra questionar o que havíamos falado. A impressão que ficamos é a de que estes alunos ouviam passivamente tudo o que era falado (ou o que era lido no livro) e aquele discurso ganhava ares de “verdade absoluta”, como se, o que nós soubéssemos, para eles, não poderia nunca estar errado.

Este foi um dos problemas que permeou todo o estágio: alunos passivos, que não se colocavam frente às informações apresentadas, apenas recebem e aceitam com caráter de verdade. É aqui, portanto, que encontramos um grande desafio para os professores e professoras: promover uma educação transformadora capaz de desenvolver a criticidade de cada estudante. “Trabalho de formiga”, sabemos, mas não impossível!

Mesmo com o estímulo visual da imagem, os problemas comportamentais e de dispersão das aulas anteriores permaneceram.

AULA 4 (17/05/2012)

Encontramos a turma mais agitada do que nunca e foi preciso dedicar alguns minutos da aula para conversar e tentar acalmá-los. Ânimo mais leve, iniciamos a aula. Havíamos planejado realizar a exposição das cenas de um documentário⁴ que fazia menção as cruzadas e que a partir dele poderíamos refletir sobre ao renascimento comercial urbano, no entanto, o data show que havíamos reservado na secretaria da escola na semana anterior não estava disponível, pois a secretaria permanecia fechada. Entramos em contato com alguns colegas que tinham um data show em mãos e conseguimos, finalmente, depois de algum tempo perdido, passar as cenas dos filmes.

Essa não foi uma experiência satisfatória: o que havíamos imaginado seria uma maior atenção dos alunos e alunas uma vez que aquele era um recurso diferenciado. Ocorreu justamente o contrário: mais desinteressados do que nunca e

⁴ The Crusades crescent I the cross. The history Chanel- As cruzadas- completo- Dublado

os desentendimentos⁵ que ganhava destaque em diversos momentos da aula, fizemos muitas intervenções o que acabou tornando a aula pouco produtiva.

Ainda assim, continuamos trabalhando os conteúdos Cruzadas e Renascimento Comercial Urbano para introduzir o processo de Formação das Monarquias Centralizadas. Na ocasião levamos um texto xerocado com os principais pontos destas temáticas, através do qual realizamos as explicações. Tentamos promover um debate sobre a importância das cruzadas para o renascimento comercial urbano e para a formação das monarquias, no entanto, a turma não contribuiu. Ficamos com a sensação de impotência e incompletude mais uma vez!

AULA 5 (24/05/2012)

Alguns empecilhos neste dia atrapalhou o bom andamento da aula, dia muito chuvoso acabou por atrasar os ônibus nos quais nós estagiários chegamos à Guarabira. Mesmo com o atraso e com muitos faltosos na turma demos continuidade ao conteúdo.

O tema aqui trabalhado foi a Crise do Século XIV e a Guerra dos Cem anos. Buscamos também dar visibilidade a figura de Joana d'Arc. Utilizamos mais uma vez a leitura coletiva com intervenções explicativas, pois percebemos que foi o método que mais demonstrou êxito nas nossas aulas. A fim de deixar esses temas bem amarrados, permanecemos com esta metodologia, mesmo achando que poderíamos ter inovado caso tivéssemos o acesso (certo) a recursos didáticos diferenciados.

A aula correu sem grandes transtornos, mas os problemas anteriores permaneciam.

AULA 6 (31/05/2012)

Esta seria nossa última aula, então propomos, mais uma vez, dar uma visão geral de tudo o que trabalhamos com esta turma. Propomos uma atividade diferenciada⁶: colocamos cartazes no quadro com os temas trabalhados, distribuimos a todas e todos, citações que fazia referência a cada temática; a sala

⁵ É comum brigas e ofensas verbais entre os alunos. A ausência da professora regente dificultou nosso trabalho neste sentido, pois como não éramos os titulares da turma não poderíamos tomar atitudes mais emergenciais.

⁶ Segue fotos em anexo desta atividade

organizada em círculo, um a um se voluntariava a vir ao centro para ler sua citação e relaciona-la ao tema (para estimulá-los a se voluntariar dávamos um pirulito, deu certo!). Acreditamos que a maioria da turma desta vez prestou atenção, embora um grupo de meninos tenha tentado o tempo todo atrapalhar o desenvolver da aula.

Dedicamos o segundo tempo para fazer uma dinâmica⁷ e nos despedir da turma abrindo espaço para o diálogo. Este foi talvez o momento mais descontraído de toda a experiência do estágio: sorrimos e nos divertimos, e os alunos também. Ao fim, quando conversamos sobre a “moral” da brincadeira que havíamos feito, foi a primeira vez que percebemos a turma toda observando atentamente o que falávamos e interagindo conosco. O que nos deixou muito felizes!

IV- REFLETINDO O ESPAÇO ESCOLAR E A PRÁTICA DOCENTE

A educação é um processo que acompanha o indivíduo em todas as fases da vida. É o primeiro passo neste processo educativo que vivenciamos é, costumeiramente, em casa com a nossa família. É nesse período que começamos a nos relacionar com outras pessoas, aprendemos a respeitar o espaço do outro e começamos a nos adaptar aos padrões educacionais estabelecidos pela sociedade.

É nesse primeiro estágio educacional que começamos a compreender que a linguagem, os comportamentos e as brincadeiras servindo-nos como exemplos para permitir à compreensão do nosso papel social, tal como expôs Duarte.

Pois:

A formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando não há uma relação consciente (tanto de parte de quem se educa, quanto de parte de quem age como mediador) com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social". (DUARTE, 1993, p. 47-48)

Apesar de a família ser um dos principais agentes na transmissão dos códigos culturais/sociais, a escola também se reveste como importante espaço de ensinamento, tendo no professor uma figura de destaque pela responsabilidade do ato educativo: o ensinar a respeitar os colegas; o ficar quieto; só falar na hora certa; respeitar os mais velhos; não agir com discriminação para com outros alunos etc. Percebemos, então, uma parceria entre a escola e a família que vai ficar presente na vida do indivíduo até a juventude, onde o mesmo irá absorver durante esse período os valores que levarão para a vida adulta.

Durante o período de graduação, observamos que uma das maiores preocupações e anseios dos estudantes é exatamente esse contato direto entre a escola e os alunos, onde no tocante ao conhecimento teórico e suas experiências adquiridas no processo de formação escolar.

Dentro desse contexto, para analisarmos o espaço escolar é necessário relacionar a estrutura organizacional pedagógica, sociopolítica e cultural da escola, pois se analisarmos o processo educativo só com a prática docente, e a prática escolar de modo isolado e fragmentado, não poderemos entender esse espaço. Mediante a isto o estágio nos possibilitou perceber o quanto o espaço escolar é diverso, uma vez que traz consigo uma multiplicidade de pessoas e de relações sociais.

Pensar no cotidiano escolar sem dúvida é uma tarefa minuciosa e que deve ser realizada diariamente, a fim de perceber as necessidades que o aluno necessita.

Segundo Fonseca:

A relação ensino-aprendizagem deve ser um convite e um desafio para alunos e professores cruzarem ou mesmo subverterem as fronteiras impostas entre as diferentes culturas e grupos sociais, entre a teoria e a prática, a política e o cotidiano, a história, a arte e a vida. (FONSECA, 2003, p. 38).

Por tanto, o espaço escolar composto de desafios é também o de possibilidades. Particularmente, quando pensamos em ensino de história, a tarefa de despertar relações de alteridade respeitosa é ainda maior uma vez que o professor tem nesta disciplina a liberdade, e porque não dizer a obrigação, de refletir, juntamente com os alunos, as diferenças culturais, políticas, sociais, de raça, sexo, desconstruindo, assim, o olhar limitado ao concreto, mostrando diferentes formas de se ver e pensar o mundo.

Durante as aulas do estagio o sentimento de incompletude nos acompanhou e a cada aula a cada método que utilizamos onde não conseguimos o resultado satisfatório nos perguntávamos o que poderíamos trazer de inovador para a sala de aula. O resultado satisfatório da ultima atividade nos fez pensar que talvez esta devesse ter sido a primeira atividade pois assim poderíamos ter tido êxito maior em nossa relação com os alunos. A experiência obtida através do estagio supervisionado foi bastante enriquecedora pois nos possibilitou adentrar no espaço escolar como educadores e assim perceber este espaço com seus grandes desafios e possibilidades.

V- O EMPENHO DO CORPO ESCOLAR POR EDUCAÇÃO LIBERTADORA

O conceito de educação libertadora abordado por Freire contribui para emancipação humana e garante o conhecimento aos menos favorecidos socialmente. Assim sendo o professor deve ser um incentivador a concretização de um projeto inovador sob o qual são elaborados esforços coletivos para obter êxito.

No ofício do professor o importar não é valorizar o seu próprio saber, seus valores, suas verdades, e sim construir de modo conjunto com seus alunos o ensino participativo onde todos possam construir sua história por meio de escolhas próprias, formando alunos conscientes que aprender não é apenas ser aprovado ao final de um ano letivo e sim construir um saber baseado em vivências, experiências e conhecimento adquiridos na escola e na comunidade.

É necessário que os alunos compreendam quais valores e princípios levaram para vida e entendam que são livres intelectualmente e psicologicamente para agir para decidir e que saibam que o único limite é a liberdade do outro. Pois, o saber não se impõe, mas se constrói.

Diante deste contexto o professor não é o único a transmitir conhecimento, más se torna o mediador , vai guiando, norteando os alunos para que possam interligar as varias informações que recebem diariamente por meio de dialogo com amigos e familiares, pela internet e as informações que são passadas em sala de aula, informações essas que contribuem para a formação do aluno enquanto cidadão.

Desta forma entendemos que as nossas vivências e memórias, assim como as informações que recebemos diariamente contribuem com o processo de aprendizagem. E o professor deve orientar seus alunos para que todos se vejam e se sintam inseridos dentro do processo histórico, onde cada um tem seus valores, seus conhecimentos e experiências e que consigam nesse processo observar e entender as diferenças e semelhanças de cada cidadão onde todos tem seu valor social.

Desta forma entendemos que Educação Libertadora incentiva a construir uma sociedade criativa, participativa, livre e justa. Para Freire a educação bancária onde aqueles que se consideram sábios apenas transferem informações para quem julgam nada saber, não se adéqua ao ideal de educação libertadora. Pois a educação libertadora promove o diálogo, a interpretação. Nesta forma de educação

todos participam, todos falam, todos ensinam. E essa capacidade de reflexão que nos torna conscientes nos liberta do modo de educação tradicional que permite passividade onde é permitido apenas repetições, modo esse que nos limita-nos a condição de oprimidos.

E nesta busca incessante por uma nova postura de trabalho o professor possui um papel fundamental e por isso deve recuperar o ânimo, a sede, a vontade de educar e fazer do ensino uma ação construtiva, onde o mesmo deve agir com um verdadeiro aprendiz na busca pelo conhecimento e fazer desta ferramenta um compromisso social. Assim, *“Não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo”* (FREIRE, 1967, p. 35-36).

Os profissionais da educação devem hoje desempenhar uma ação conjunta no processo educativo reconhecendo, apoiando, sugerindo e participando. Desta forma entendemos que o corpo escolar que é constituído de Diretores, Coordenadores, Supervisores e Orientadores deve somar com o professor e não dividir deve reunir e articular, para que os alunos nesse processo educativo atuem de forma ativa.

Durante a experiência de observação do espaço escolar, um diálogo com uma professora me chamou atenção, ela relatava sobre sua experiência no espaço escolar, e falou o quanto estava sendo difícil continuar acreditando nas melhorias na educação e com suas palavras relatou:

Os professores precisam ter uma formação melhor, os estudantes devem ser incluídos o mais rápido possível em projetos práticos, os novos professores precisam lutar por uma escola melhor e por maior conhecimento, ler mais, saber mais sobre cidadania e executar o trabalho, pois a educação hoje é um faz de contas, precisamos de mudança na consciência, no fator interno, a falta de responsabilidade precisa acabar, tem que se formar de dentro de nós desde criança, precisamos ser melhor, pois formamos gente, interferimos na vida dos alunos, na formação social do mesmo, o professor faz a diferença na vida do aluno, devemos mostrar a realidade, o esforço, somos importantes.

(Professora)

Vemos nesse discurso a necessidade da mudança, a opinião de uma profissional da educação que sabe que o sistema realmente precisa de melhorias e não é só por nós Professores, Ser educador não é reproduzir informações formais, com métodos formais, fingindo que estamos ensinando e avaliando da melhor

maneira possível e o aluno fingindo que esta aprendendo e desenvolvendo no conhecimento.

É hora de escrever uma nova história. Compomos uma nova geração de educadores, com novas linguagens, abordagens e métodos, com conceitos reelaborados e críticos, tornando-nos agentes de transformação na vida de cada aluno.

A escola é o espelho da sociedade precisamos mediar uma forma de construir conhecimento como uma educação que conscientize que transforme, é esse modo de educação que Freire sempre defendeu. Não se pode lutar por mudança e ser neutro, é necessário que se tenha um posicionamento crítico é preciso comprometer-se com a educação.

Freire citou:

Não é possível um compromisso verdadeiro com a realidade, e com os homens concretos que nela e com ela estão se desta realidade e destes homens se tem uma consciência ingênua. Não é possível um compromisso autêntico se, aquele que se julga comprometido, a realidade se apresenta como algo dado, estático e imutável. (FREIRE, *Ibidem*, p.26)

De acordo com o observado na escola E. E. E. F. M. José Soares de Carvalho o Projeto Político Pedagógico (PPP) não é executado em sua plenitude, na prática cada professor executa um projeto individual. Entendemos que para obter êxito o corpo escolar deve agir de modo conjunto com os professores dialogando e sugerindo métodos inovadores para amparar o trabalho realizado em sala de aula a fim de elaborar um Projeto Político Pedagógico eficaz e inovador para ser aplicado pelos professores.

Desta forma, entendemos que a educação libertadora é um processo construído por meio do dialogo entre professor e aluno, valorizando as vivências e opiniões de cada indivíduo. Onde ao professor cabe estimular a curiosidade do aluno, incentivar as reflexões e questionamentos para que o aluno construa uma consciência histórica sendo assim capaz de obter um conceito próprio baseado em suas experiências e valores.

Com intenção de incentivar a reflexão e formação de opiniões adentramos no espaço escolar, com o comprometimento de mediar um ensino que liberta o aluno da metodologia de apenas reproduzir informações sem problematiza-las. Porém fomos surpreendidos por uma turma que não se interessava pelo ensino de historia,

e foi bem difícil, pois os métodos pareciam não funcionar, procuramos convidar a turma para uma aula diferenciada, queríamos ouvi-los, mas provavelmente por inexperiência nossa e por falta de interesse dos alunos esse diálogo tão valorizado por Freire não foi presente em sala quanto gostaríamos.

Mas o que fazer quando os alunos não querem, quando os mesmos se negam essa oportunidade de diálogo. É neste ponto que é de suma importância procurar conhecer melhor o aluno, o que senta na cadeira, e procurar estreitar o espaço e as barreiras que se estabelecem. Por conta do pouco tempo que tivemos com a turma (6 Aulas), não foi possível conhecermos os alunos como gostaríamos, mas a experiência nos fez refletir sobre a importância da relação Professor/ Aluno.

VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório, trás uma análise do nosso estagio supervisionado na escola E. E. F. M. José Soares de Carvalho na cidade de Guarabira- PB ocorrido no ano de 2012 ao produzir o texto deste relatório colocamos em breves palavras uma citação que diz:

A Educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de refletivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica” (FIORI, 1967, p.11)

E foi a partir dessa visão que adentramos no espaço escola com a intenção possibilitar aos alunos a oportunidade de refletir, questionar e dialogar, para que pudessem entender que são sujeitos neste processo de construção do saber.

Sendo assim as discussões realizadas em sala de aula ao longo da disciplina de ESO possibilitou-nos adentrar o espaço da escola campo com um olhar de educadores observando este espaço nas suas nuances de cores e formas sócio político e também cultural.

A regência nos adicionou inúmeros saberes, o principal foi o saber que uma ótima aula é uma soma de um bom profissional, com um bom planejamento, e com uma boa metodologia e alunos participativos.

Contudo, o estágio foi de extrema importância para que pudéssemos perceber os desafios e as possibilidades que encontraremos enquanto professores/cidadãos. Pois o espaço escolar em que estar inserido a relação professor/aluno está para além dos nossos anseios e perspectivas, porque está no campo dos desafios é algo em constante transformação para quebrar estereótipos e preconceitos.

Portanto a escola é o lugar do diálogo, um lugar da desconstrução e também da construção de opiniões e lugar da valorização do indivíduo com suas especificidades e saberes, um espaço múltiplo capaz de motivar os interesses de cada aluno e de cada professor, tornando-nos capazes de compreender que temos o direito e a competência para decidir sobre o nosso futuro.

VII- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSO, I.S. significado e sentido do trabalho docente cadernos CEDES VOL.19n 44 Campinas, ABRIL 1998

DUARTE, N. A Individualidade para si. Campinas, Autores Associados, 1993.

FIORI, Ernani. Prefácio In: FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FONSECA, Selva G. A nova LDB, os PCNs e o ensino de História. In: Didática e Prática do Ensino de História. Campinas: Papirus, 2003

FREIRE, Paulo, 1921-1997. Educação e mudança/Paulo Freire; prefácio Moacir Godotti; tradução Lilian Lopes Martin. -2-ºed.e atual- São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes Necessários à prática Educativa.São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. Pedagogia da esperança; um encontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire; prefácio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria Araújo Freire. -17. Ed.—São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar /Paulo Freire. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

VIII- Anexos

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

➤ **Relação da escola com a comunidade;**

1. Localização da escola no bairro (acesso fácil ou difícil, há problemas de transporte)
2. Articulação da escola com os pais dos alunos (reunião de pais na escola e se a participação dos mesmos é satisfatória para escola).
3. Diálogo ou parcerias com outras instituições pública ou privada (sindicados, promotoria, secretaria de saúde, secretária de cultura, Secretaria da educação, etc.)

➤ **O contexto escolar (escola como um todo)**

1. Numero total de alunos matriculados;
2. Qual o quantitativo de meninas e meninos matriculados na escola;
3. Origem dos alunos;
4. Numero de salas;
5. Numero de turmas;
6. As salas comportam bem os alunos (quantitativo de alunos por turma);
7. Instalações físicas:
 - Área de recreação;
 - Cantina;
 - Biblioteca;
 - Auditório;
 - Quadra de esportes;
 - Sala de informática;
 - Sala de vídeo;
 - Área verde.

➤ **Serviços pedagógicos oferecidos:**

1. Numero de Supervisores (e quais são os profissionais que compõem o corpo técnico da escola, além do supervisor (a));
2. Numero de professores;
3. Articulação entre alunos e diretores (grêmio estudantil);
4. Aula – planejamento, realização e avaliação;
5. Há na escola algum tipo de assistência médica (muito solicitado ou pouco solicitado);
6. Psicólogo (numero);

7. Ensino religioso;
8. Principais atividades do calendário escolar;
9. Atividades que possibilitem a socialização do conhecimento do aluno (gincana, feira de ciências);
10. Projetos de organizações exteriores

➤ **Serviços administrativos oferecidos:**

1. Assistente de direção;
2. Secretários
3. Bibliotecário
4. Merendeiras
5. Serventes de limpeza
6. Vigia
7. Recursos materiais:
 - TV
 - DVD
 - Aparelho de som
 - Computador
 - Data-Show, etc.

PLANOS DE AULA

E. E. E. F. M José Soares de Carvalho

Turma: 7º ano B

Turno: tarde

Plano de aula- 1º Aula 26|04|2012

Objetivo: Obter um conhecimento prévio sobre a turma e a sua relação com a disciplina de História e com o tema baixa Idade Média.

Conteúdos: História- Baixa Idade Media

Metodologia: Dialogar com descontração sobre o conteúdo, e incentivar menções dos alunos de palavras sobre a Baixa Idade média para avaliar o conhecimento dos alunos com as palavras e com o tema.

Recursos materiais: Quadro didático da sala de aula.

Atividades e avaliações: Exercício verbal com alunos.

Exercício:

1º Questão: O que você entende por Baixa idade média?

2º Questão: Descreva o termo medieval.

3º Questão: O que significa Idade das Trevas?

4º Questão: Exponha o que você entende por Feudalismo.

E. E. E. F. M José Soares de Carvalho

Turma: 7º ano B

Turno: tarde

Plano de aula- 2º Aula 03|05|2012

Objetivo: Revisar com os alunos sobre a Idade média. Debater o conteúdo para orientar a turma no conteúdo. Destacar a idade média no calendário cronológico, definir o espaço territorial referido, e desconstruir o conceito limitado de idade das trevas.

Conteúdo: História- Idade Média

Metodologia: Através de palavras citadas pelos alunos revisar e debater sobre o tema formando um resumo no quadro para que alunos também pudessem escrever em seus cadernos e assim elaborar um resumo para estudar. Elaboração de exercício sobre o tema para ser corrigido na próxima aula.

Recursos Materiais: Quadro, Caderno, Livro didático.

Atividades e avaliações:

Exercício:

- 1º Questão: Em qual período ocorreu a idade média?
- 2º Questão: Qual o período de duração da idade média?
- 3º Questão: Definição do termo Idade média?
- 4º Questão: Porque a idade média é relacionada com a idade das trevas?

E. E. E. F. M José Soares de Carvalho

Turma: 7º ano B

Turno: tarde

Plano de aula- 3º Aula 10|05|2012

Objetivo: Correção do exercício da aula anterior. Possibilitar aos alunos a visualização e compreensão das transformações sociais Europeias a partir do século XI, partir da leitura de uma imagem que retrata o período para que os alunos percebam mudanças nos centros urbanos e as relacionem o período com sua realidade local. Introdução das cruzadas e renascimento comercial Urbano.

Conteúdo: História- Centros Urbanos

Metodologia: Visualização a imagem do afresco de Ambrógio Lorenzetti e identificação dos elementos que chamam a atenção dos alunos sobre o período trabalhado em sala. Discutir em sala sobre o cotidiano da época e relacionar com a realidade vivenciada hoje pelos alunos.

Recursos Materiais: Quadro, Leitura, Livro didático, imagem impressa, caderno.

Atividades e Avaliações: Leitura do livro Didático.

E. E. E. F. M José Soares de Carvalho

Turma: 7º ano B

Turno: tarde

Plano de aula- 4º Aula 17|05|2012

Objetivo: Trabalhar as cruzadas e o Renascimento Comercial e urbano a partir de cenas do documentário The history Channel- As Cruzadas, para refletir sobre o Renascimento Comercial Urbano e introduzir a Formação das Monarquias Centralizadas.

Conteúdo: História- Renascimento Comercial Urbano.

Metodologia: Analisar cenas sobre o período, realizar debate a partir das cenas e a partir de um texto do livro didático.

Recursos Materiais: Data Show, Livro Didático.

Atividades e Avaliações: leitura realizada em sala aula a partir do livro didático.

E. E. E. F. M José Soares de Carvalho

Turma: 7º ano B

Turno: tarde

Plano de aula- 5º Aula 24|05|2012

Objetivo: Trabalhar a Crise do século XIV e a Guerra dos cem Anos, destacando a figura de Joana d`Arc.

Conteúdo- História- A Crise do séc. XIV. A Guerra dos Cem Anos

Metodologia: Leitura do livro didático com intervenções para explicações orais.

Recursos Materiais: Livro Didático

Atividades e avaliações: Leitura do livro Didático durante a aula. Sugerimos revisão do conteúdo trabalhado durante a aula para casa.

E. E. E. F. M José Soares de Carvalho

Turma: 7º ano B

Turno: tarde

Plano de aula- 6º Aula 31|05|2012

Objetivo: Revisão Geral do conteúdo trabalhado com a turma a fim de analisarmos o nível do aprendizado pela turma. Realizar dinâmica para encerrar atividades.

Conteúdos: História- Idade Média, Baixa Idade Média, Centros Urbanos, Renascimento Comercial Urbano, A crise do séc. XIV. Guerra dos Cem Anos. Joana d`Arc.

Metodologia: Serão colocados sobre o quadro e paredes da sala cartazes com temas trabalhados com espaço em branco. Distribuição para alunos de citações para que os mesmos correspondam-nas com os cartazes. Realização da dinâmica dos sonhos para encerrar as atividades com a turma.

Recursos Materiais: Cartazes elaborados a partir das informações trabalhadas em sala de aula.

Atividades e avaliações: Colagem de cartazes e Dinâmica dos Sonhos.

Imagens atividade de colagem em cartazes:



DINÂMICA DOS SONHOS

1º Reunimos a turma em círculo e em seguida entregamos uma bola vazia para que eles pudessem encher.

2º No momento em que todos estão com suas respectivas bolas cheias passamos as instruções da dinâmica dos sonhos.

3º cada aluno com sua respectiva bola cheia, recebe um palito onde o mesmo tem a opção de apenas segurar ou de estourar as bolas. Aos alunos em nenhum momento é mencionado que ele deve estourar a sua própria bola ou de seu colega a instrução é clara, quem conseguir manter sua bola cheia ou seja quem conseguir defender seu sonho, conseguirá receberá um premio.

4º Cada bola representa o sonho

5º Em seguida, uma música é tocada e os alunos devem jogar suas bolas para cima com cuidado para não perder o controle e não estourar seu sonho, e é aí que começa o desafio, pois o grande número de alunos na sala dificulta o controle da bola, e a posição de cada aluno de defender unicamente seu sonho dificulta tanto sua tarefa como a de seus colegas e então as bolas começam a ser levadas pelo vento ou estourar e fica bem difícil que a bola não estoure.

6º Quando os primeiros alunos percebem que sua bola estourou ele lembra que tem um palito na mão e quase de imediato subentende que deve estourar a bola dos colegas, e então os alunos que tiveram sua bola estourada pelos colegas começam também a estourar outras bolas e aí, cada vez vai ficando mais difícil preservar seu sonho intacto em meio a tanta dificuldade.

7º Ao fim da dinâmica todos os alunos tem sua bola estourada e então e assim passamos a explicar a o sentido da brincadeira.

8º Explicamos o quanto é difícil manter um sonho sozinho, e se a turma estivesse unida, um ajudando o outro para que não apenas um e sim todos pudessem preservar seus sonhos, seria mais fácil realiza-lo, explicamos também que o palito representa uma ferramenta capaz de acabar com o sonho e que não é porque temos essa ferramenta,devemos utiliza-la, a nós cabe á escolha de ajudar ou atrapalhar o outro nesta jornada em busca de um sonho.

9º Desse modo todos entendem que na vida se ajudarmos um ao outro é mais fácil ter êxito, pois se quisermos preservar unicamente nosso sonho, será difícil conseguir, pois precisamos um do outro, explicamos também que para conseguir realizar nosso sonho, não temos que interferir no sonho de ninguém. Companheirismo, cumplicidade e amizade são importantes para que possamos ser bem sucedidos.

10º Ao fim da dinâmica todos recebem um prêmio e se confraternizam.